

## AUTOETNOGRAFIA VIRTUAL: NARRATIVA DE UMA IMERSÃO ON-LINE A PARTIR DA DOCÊNCIA VIRTUAL COMPARTILHADA <sup>1</sup>

VIRTUAL AUTOETHNOGRAPHY: NARRATIVE OF AN ONLINE IMMERSION

- **Vanessa dos Santos Nogueira** (ULBRA/UFSM - [snvanessa@gmail.com](mailto:snvanessa@gmail.com))

### Resumo:

*Este artigo pretende apresentar uma experiência de Autoetnografia Virtual. Considera-se que a Internet se apresenta hoje como um novo espaço que vem ganhando cada vez mais apoio no cenário acadêmico e nos métodos e técnicas de pesquisa. O desenvolvimento de métodos e técnicas de pesquisa em espaços virtuais requer rigor, detalhe e descrição das etapas seguidas para garantir a validação dos dados. Os passos foram desenvolvidos durante minha pesquisa de doutoramento na Universidade Federal de Pelotas. Na pesquisa, além de entrevista semi-estruturada on-line, realizei uma imersão online através de uma matriz etnográfica, os dados da imersão foram analisados a partir de uma narrativa da minha própria experiência como pesquisadora. Este procedimento, descrito neste texto com uma narrativa sobre a constituição de uma Docência Virtual Compartilhada, foi chamado de Autoetnografia Virtual.*

**Palavras-chave:** Autoetnografia Virtual. Pesquisa na Internet. Metodologia da Pesquisa.

### Abstract:

*This article intends to present a Virtual Autoethnography experience. It is considered that the Internet presents itself today as a new space that has been gaining more and more support in the academic scene and in the methods and techniques of research. The development of methods and techniques of research in virtual spaces requires rigor, detail and description of the steps followed to ensure the validation of the data. The steps were developed during my PhD research at the Federal University of Pelotas. In the doctoral research, in addition to the semi-structured online interview, I performed an online immersion through an ethnographic matrix, the data of the immersion were analyzed from a narrative of my own experience as a researcher. This procedure, described in this text with a narrative about the creation of a Shared Virtual Teaching, was called Virtual Autoethnography.*

**Keywords:** Virtual autoethnography. Shared Virtual Teaching. Research Methodology.

1

## 1. Da etnografia à autoetnografia virtual

A etnografia origina-se a partir das ideias do antropólogo Bronislaw Malinowski que, em 1922, escreveu uma das principais obras da Antropologia moderna: *Os argonautas do pacífico ocidental*, para divulgar sua pesquisa entre os povos do arquipélago de Trobriand, na

<sup>1</sup>Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nova Guiné. Por meio dessa pesquisa, a etnografia (MALINOWSKI, 1978) surgiu como método de investigação antropológica. Conforme Malinowski:

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são indubitavelmente, extremamente bastante enganosas acessíveis, e mas complexas; também não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

O autor definiu três premissas fundamentais para o pesquisador que deseja realizar uma etnografia: (1) precisa ter objetivos científicos e conhecer os fundamentos da pesquisa etnográfica; (2) deve viver entre os nativos que vai pesquisar, acompanhando diariamente sua rotina e (3) deve realizar o registro e a manipulação de suas anotações. Essas três orientações, segundo Malinowski, caracterizam uma pesquisa etnográfica. O registro e interpretação dos dados e vivência *in loco* geram um *corpus* não linear para análise. Diante disso:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito-estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

Desde a sua criação, na própria Antropologia e em outras áreas como Sociologia e Educação, a etnografia vem sofrendo variações, adaptadas em pesquisas *off-line* e *on-line*. A seguir, pode-se visualizar uma breve descrição de algumas dessas variações.

#### Quadro 1 - Variações do uso da Etnografia

Fonte: Elaborado pela autora.

	<b>Definição</b>
Etnografia	O pesquisador participa do contexto investigado por um período determinado, fazendo anotações diárias da observação e vivência e busca um distanciamento ao realizar a análise dos dados.
Autoetnografia	O pesquisador participa do contexto investigado por um período determinado, fazendo anotações diárias da observação e vivência e considera a sua subjetividade, considerando a suas relações interpessoais e produção de sentidos.
Etnografia Virtual ou Netnografia	O pesquisador participa do contexto investigado por um período determinado, fazendo anotações diárias da observação e vivência e busca um distanciamento ao realizar a análise dos dados.
Autoetnografia Virtual	Adaptação da Autoetnografia para espaços virtuais, considerando o virtual como parte do mundo da vida e a intersubjetividade do pesquisador ao analisar a experiência.

A autoetnografia é compreendida “[...] como narrativa reflexiva que revela com densidade a presença do pesquisador no campo de pesquisa, difere da etnografia pela não necessidade do pesquisador de adentrar a cultura estudada e se tornar parte dela, pois ele já é parte desta cultura” (GUTIERREZ, 2010, p. 11).

Em outra direção Hine (2004), apresenta uma das variações da etnografia para internet. Essa autora apresenta dez princípios que fundamentam a etnografia virtual: (1) presença constante do pesquisador no campo de estudo; (2) compreensão do espaço virtual como parte da vida dos sujeitos; (3) crescimento das interações mediadas por tecnologia; (4) deslocamento do campo da etnografia para lugares fluidos e imersos de conexões; (5) exame das conexões e limites que existem entre o virtual e o real; (6) o entrelaçamento das interações mediadas pela internet com outras esferas; (7) a parcialidade da etnografia virtual; (8) a convivência com os sujeitos de pesquisa em espaços virtuais como valiosa fonte de informações; (9) as novas tecnologias que facilitam as relações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa e (10) a etnografia só é virtual no sentido do corpo físico.

Ao pensar o papel do etnógrafo como um participante, resgato a memória do primeiro contato que tive com a etnografia virtual, na condição de sujeito de pesquisa da tese desenvolvida pela professora Suzana Gutierrez, intitulada *Professores Conectados: trabalho e educação nos espaços públicos em rede* (GUTIERREZ, 2010). A autora apresenta uma fundamentação consistente acerca da transposição da etnografia para os espaços da internet. Minha vivência como sujeito de pesquisa configurou-se em referência para avançar nos estudos acerca da autoetnografia e da etnografia virtual e seu potencial para subsidiar parte da pesquisa empírica desta tese.

O movimento de inserção e análise crítica da própria experiência on-line, em um movimento de integração da autoetnografia em espaços virtuais também é nomeado de “autoetnografia” (AMARAL, 2009; KOZINETS, 2014). Carvalho (2014) faz referência a Autoetnografia Virtual na área da comunicação, em uma pesquisa com fãs de séries na internet. A transposição da etnografia para espaços *on-line* vem sendo trabalhada por autores como Hine (2000), Wall (2006), Chang (2007), Espinosa (2007), Amaral (2009), Kozinets (2014), entre outros.

A bem da verdade, não existem muitos modelos teóricos que sustentem a coleta de dados em espaços virtuais nas ciências sociais, pois, em sua maioria, as opções são adaptações de pesquisas presenciais ou voltadas para área de *marketing* (Kozinets, 2014). Apesar de recente, já existem algumas experiências e orientações publicadas. Na obra *Métodos de Pesquisa para a Internet* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012), as pesquisadoras oferecem algumas opções metodológicas para pesquisa empírica na internet. Dentre as alternativas, apresentam um histórico das adaptações da etnografia para os meios digitais, destacando algumas variações como Etnografia Digital, Webnografia e Ciberantropologia. Mais uma vez, ressalta-se que muitas dessas pesquisas são aplicações mercadológicas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012).

A partir desses apontamentos sobre o encaminhamento metodológico da etnografia e suas variações, adotou-se nesta pesquisa o uso do termo Autoetnografia Virtual, considerando os traços da autoetnografia e o cenário virtual, bem como a área de aplicação no campo educacional. Os passos adotados à realização da Autoetnografia Virtual foram: (1) Planejamento e definição das categorias guia. (2) Escolha do recurso para o registro do diário de campo, no caso um *blog* privado. (3) Pré-análise da vivência virtual realizada durante os registros no diário, considerando os referenciais da tese. (4) Reorganização dos marcadores do *blog* a partir de novos elementos. (4) Triagem dos dados coletados. (5) Escrita final baseando-se na triangulação – registros, vivências e referencial teórico.

A atuação como professora pesquisadora possibilitou a inserção *on-line* no cenário da pesquisa através da participação no contexto virtual do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB. O período total desta imersão foi de dois anos e meio (agosto de 2013 a dezembro de 2015). Apesar do meu trabalho como tutora na Pedagogia EAD/UAB, iniciado em 2008, ter tido grande influência em minha atividade como professora pesquisadora desse mesmo curso, os registros e análises deste tempo não fazem parte da coleta de dados desta pesquisa.

Durante o período de trabalho com essas disciplinas, foi organizado um diário de anotações sobre os sentidos produzidos na/da imersão, objetivando apresentar, por meio de uma narrativa, os saberes e os significados emergentes dessa experiência.

O registro do diário de campo foi realizado em um *blog* privado, com a utilização de marcadores para facilitar a pesquisa pelas temáticas registradas. Algumas autoras, como Gutierrez (2009) e Amaral (2009), utilizaram o *blog* como ferramenta para o registro do diário de campo na etnografia virtual.

Por fim, a experiência da narrativa de uma Autoetnografia Virtual complementou a pesquisa empírica, no sentido de dar voz a pesquisadora, enquanto professora virtual. Após essa primeira experiência é possível considerar que somente a utilização de uma Autoetnografia Virtual é suficiente como fonte de coleta de dados para uma pesquisa.

## 2. Narrativa de uma Autoetnografia Virtual

Escrever em primeira pessoa é um desconforto, ao passo que a cultura acadêmica tenciona para uma escrita em terceira pessoa, no qual o sujeito deve manter um distanciamento do objeto de estudo e assim garantir sua cientificidade. Nessa sessão, apresento a narrativa de uma experiência que mobiliza saberes e sentidos que antecedem esse trabalho de pós-graduação, mas que se inscrevem nesse protocolo de pesquisa. Sobre a escrita em primeira pessoa, Amaral (2009) sinaliza que,

[...] minha compreensão da autonetnografia também considera a possibilidade de uma narrativa escrita em primeira pessoa na qual meus próprios dados autobiográficos são pertinentes já que constituem marcação subjetiva e influência (positiva e negativa) no processo epistemológico da vivência da própria pesquisa e dos contornos enfrentados em relação ao objeto (AMARAL, 2009, p. 22).

Essa escrita se configura a partir da minha vivência como professora pesquisadora no espaço virtual do curso pesquisado e suas relações e produção de sentidos com a ocupação de espaços virtuais que transcendem o Moodle. Considero, também, as redes de relações que se formam em torno do espaço virtual, como ponto de partida para a formação de uma comunidade virtual. Essa trajetória foi registrada num *blog* privado, com anotações sobre as experiências e sentidos produzidos ao exercer uma Docência Virtual Compartilhada enquanto professora, com um grupo de professores tutores.

Os sentidos produzidos com base na experiência e nos registros também foram influenciados pelas discussões realizadas nos grupos de pesquisa do qual faço parte. Honneth, afirma que a convivência em grupo é um lugar de reconhecimento, em que, "[...] o grupo, independentemente de seu tamanho e tipo, inicialmente deve ser compreendido

como um mecanismo social fundado na necessidade ou no interesse psíquico do indivíduo, porque o auxilia na estabilidade e ampliação pessoais" (HONNETH, 2013, p. 56).

Não foram somente esses espaços institucionalizados que me auxiliaram na elaboração dessa narrativa. Nessa trajetória, aparece também a comunicação virtual realizada com outras pessoas, como autores que falam sobre as tecnologias na educação e a teoria do reconhecimento por meio do Twitter, outras estudantes de doutorado via Instagram ou ainda grupos de discussão, correio eletrônico e WhatsApp. Entretanto, destaco os grupos de pesquisa, por reconhecer neles um potencial normativo que infere sobre a minha formação como pesquisadora. O sentimento de pertencimento a um grupo favoreceu a busca pelo conhecimento, o respeito ao pensamento divergente e o cultivo de uma solidariedade acadêmica onde "[...] a solidariedade pressupõe a pertença a um grupo específico, com fins determinados" (PIZZI, 2003, p. 234).

Honneth (2013) fala sobre o potencial dos grupos e suas formas de patologias que decorrem de problemas individuais de personalidade na qual "[...] a situação dos grupos numa sociedade sempre é tão boa ou tão ruim quanto o são as condições de socialização que nela prevalecem" (HONNETH, 2013, p. 78). As condições de socialização que encontrei nesses dois grupos de pesquisa ofereceram circunstâncias favoráveis de aprendizagem e reconhecimento recíproco.

A questão da escolha da Autoetnografia ocorreu pela sua proposta de reflexão que possibilita: "[...] discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado" (AMARAL, 2009, p. 15). A opção por considerar a minha trajetória como sujeito que faz parte dos lugares/espços virtuais dessa pesquisa aconteceu na medida em que essa experiência, aliada aos estudos teóricos e procedimentos metodológicos, configuraram essa e não outra trajetória de doutoramento.

### 3. A escrita *on-line* e *off-line*

Do contraditório da vida, da busca pela inalcançável situação ideal de fala, escrevo. Na tentativa de conter os sentidos do leitor, faço uso de uma escrita narrativa ao descrever e interpretar minha experiência de pesquisadora em si e para si de lugares/espços virtuais. Ocupo, ainda, a posição de sujeito professora que transcende os lugares/espços formais da pesquisa, conquanto atravesso outros vários lugares/espços virtuais capazes de produzir sentidos e mobilizar saberes formais e informais. Considero, também, que o virtual é atravessado pela vida presencial, as conexões virtuais são marcadas pelo entrecruzamento de sentidos que já vem institucionalizados ao longo da história na vida presencial. Nesse entrelaçamento pesquisadora/professora, virtual/presencial, empírico/teórico, se configura essa narrativa de uma experiência autoetnográfica.

Uma narrativa é um relato muito particular, mas aqui isso não se resume a uma simples descrição de uma vivência. O esforço é articular os registros narrados, os fundamentos teóricos e uma análise crítica dessa triangulação. Nesse sentido, ao buscar descrever e analisar de forma detalhada cada passo dessa pesquisa, eu retomo o pensamento de Schopenhauer ao falar que: "Não há nada mais fácil do que escrever de tal maneira que ninguém entenda; em compensação, nada mais difícil do que expressar

pensamentos significativos de modo que todos os compreendam" (SCHOPENHAUER, 2009, p. 83).

Escrever sobre si resgata memórias, sentimentos e sentidos. Nessa direção, "Escrever marca o vivido e sonha o viver. Recupera sua palavra. Toma posse efetiva do seu fazer. Ao escrever o vivido, ele nomeia a experiência e, ao nomeá-la, inscreve-a no circuito da história" (OSTETTO, 2012, p, 32). Esse movimento de escrita é uma descrição de si para um outro de si, porque existiu e existe um outro. No caso dessa pesquisa, esse outro é real e virtual, existe presencialmente e afastado geograficamente de mim. O virtual não está separado do presencial, os mundos *on-line* e *off-line* são parte do mundo da vida, desta forma, "[...] há um reconhecimento do relacionamento complexo e nuançado entre os mundos *on-line* e *off-line* que produz as estruturas normativas desses dois mundos" (MILLER, 2004, p. 48).

A relação de Reconhecimento Intersubjetivo Virtual se materializa nos espaços da rede e acontecem primeiro pelos modelos de reconhecimentos desencadeados ao longo da história, anteriores a internet, e, segundo, com novas formas de configuração pela mediação virtual. O Reconhecimento Intersubjetivo Virtual nasce de uma tentativa de manter os padrões institucionalizados de relacionamentos da cultura local e assume outros arranjos, exigindo novas normas e organizações dos tempos e espaços da nossa existência. Toda essa experiência reflete nas ações do meu dia-a-dia presencial e virtual e me faz pensar sobre como essas relações intersubjetivas de reconhecimento configuram-se.

No início da pesquisa, acreditava que o virtual era um espaço independente, capaz de gerar sua própria cultura. Com o decorrer do tempo, passei a entender esse espaço como um artefato cultural de reconhecimento, que tem sim suas especificidades de relacionamento e comunicação, mas que está intimamente ligado à cultura local. Mesmo que essa cultura local receba influência das relações virtuais na medida em que os mundos *on-line* e *off-line* são parte do mesmo mundo da vida.

A partir dessa breve introdução, resgato o conceito de Docência Virtual Compartilhada, esboçado em minha pesquisa de Mestrado e retomado hoje com outro olhar, que, baseado na teoria do reconhecimento, ganha mais consistência. Ser uma professora virtual é uma questão que ainda mobiliza questões de pesquisa que não superei.

O exercício da docência é uma prática com intencionalidade que, na EAD, por vezes, percebo ficar embaçada, confusa. Dividir o planejamento de uma aula é algo novo, delegar e receber orientações sobre o trabalho pedagógico no que se refere a uma turma de alunos não é uma atividade praticada com frequência. Nesse sentido, o trabalho docente no virtual deixa ruídos, espaços vazios quando a comunicação entre o grupo de trabalho (professor pesquisador e professor tutor) e com os estudantes constiuem um agir comunicativo que ainda estamos aprendendo.

#### 4. Docência Virtual Compartilhada

Para pensar a Docência Virtual Compartilhada, é importante considerar o que se entende por ser professor, o que caracteriza o exercício da docência e como ela está organizada no cenário do Ensino Superior. Na continuidade da reflexão, retomo alguns conceitos que definem a constituição do docente e as suas práticas.

Entendo docência como um processo complexo, pois envolve diferentes saberes, lugares, tempos e sujeitos. Nesse sentido, busco no pensamento de Cunha, a constituição da docência ao expressar que:

O professor ensina a partir de sua experiência enquanto aluno, inspirado em seus antigos professores. [...] alicerça-se nas práticas historicamente construídas, delineando representações da profissão de professor que se estabelecem no senso comum. É um processo bastante presente na docência universitária, já que o professor desse nível de ensino, não tendo, geralmente, formação profissional para o magistério, tende a repetir práticas naturalizadas na sua cultura (CUNHA, 2006, p. 363).

O pensamento de Cunha descreve a ausência de formação para atuação do professor universitário. Nesse cenário a EAD apresenta uma nova questão, a docência em espaços/lugares virtuais ainda não conta com práticas historicamente construídas e não se apresenta como uma prática naturalizada pela cultura presente no cenário universitário hoje. Mesmo com a expansão da EAD, grande parte dos docentes, ao iniciar o seu trabalho nesse novo cenário, está na frente de um grande desafio. Acredito que esse espaço/lugar se apresenta como uma oportunidade capaz de gerar uma nova aprendizagem docente.

Professores e tutores organizam suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância em regime de colaboração e cooperação, não só dividindo as ações de planejamento e execução que envolve as práticas pedagógicas. No entanto, percorrem caminhos para uma efetiva docência virtual compartilhada.

Quando analisei as correlações e diferenciações estabelecidas pelos sujeitos da pesquisa entre a posição sujeito-professor e tutor na modalidade de Educação a Distância durante a pesquisa de mestrado, observei que, no discurso oficial, existe um professor que é tutor; pelo discurso dos sujeitos, e um tutor que é professor. Ser professor é uma condição para ser tutor, desempenhar ações de professor constitui o trabalho tutor. O tutor não deixa de ser professor ao ocupar a posição sujeito-tutor, também não deixa de ter ações docentes ao desenvolver seu trabalho na EAD. A contradição consiste no discurso oficial negar ao tutor a designação de professor ao atuar como tutor (NOGUEIRA, 2014).

O trabalho dos professores da EAD, aqui conceituado como Docência Virtual Compartilhada, se caracteriza pela complexa e específica atuação no cenário da EAD. Desse modo, mesclando os encontros presenciais e a ocupação de um lugar/espço virtual, a divisão e o entrecruzamento das tarefas, a avaliação e o replanejamento constante.

Parte dos desafios da docência virtual compartilhada é a articulação de saberes e afetos com os estudantes. Aos poucos, vamos nos conhecendo, pelas interações nos fóruns de discussões e trocas de mensagens: "A profissão docente, por se basear na relação entre pessoas, é permeada pelos afetos, pelas simpatias/antipatias que acompanha essas relações. Ser profissional da educação significa experimentar sentimentos" (OSTETTO, 2012, p. 136).

Na busca pela conceituação da Docência Virtual Compartilhada, percebo que uma efetiva docência compartilhada atravessa a esfera do reconhecimento, em que sem um efetivo reconhecimento do outro e suas potencialidades de aprendizagem não é possível configurar um trabalho compartilhado. Reconhecer-se e reconhecer o outro como sujeito capaz de aprender, de produzir sentidos, fazer relações entre as suas vivências e as vivências

dos outros envolvidos são ações determinantes para o processo de ensino e aprendizagem tanto presencial quanto virtual.

No caso do virtual, esse reconhecimento requer, além dos padrões pré-estabelecidos socialmente, uma fluência tecnológica que garanta ao sujeito as capacidades necessárias não só para se comunicar, mas também para desenvolver o sentimento de pertencimento nos espaços virtuais. Ainda que os sujeitos se comuniquem, é preciso reconhecer o outro sem a sua presença física, isso advém na mescla das relações presenciais e virtuais.

A experiência de docência virtual permite vivenciar situações que vão além do Moodle, ainda que esses contatos possam acontecer no presencial. O virtual pode potencializar as oportunidades de comunicação e interação.

Pensar na condição assumida pelo professor é rever na memória os sentidos que o constituíram como alguém que domina o saber. Na tentativa de recuperar os modelos educacionais formados ao longo da história da Educação, em que a organização das salas de aula é repleta de classes, cadeiras e alunos, o professor se personifica com a imagem de detentor do conhecimento a ser ensinado.

O espaço virtual em que transitam os sujeitos da EAD oferece diversos recursos que oportunizam uma prática pedagógica compartilhada. Contudo, sozinho esse espaço não produz um potencial evolutivo. O que gera essa interação são as ações docentes e discentes integradas, estabelecendo novas maneiras de contato entre alunos e professores. Cada sujeito, imerso no contexto *on-line*, na condição de aprendiz, dá sentido à sua aprendizagem com base em suas carências. Nesse sentido, o fazer pedagógico se constitui em um cenário em que “[...] o docente raramente atua sozinho. Ele está em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos” (TARDIF, 2007, p. 49-50).

Desse modo, o ambiente da EAD apresenta-se de forma mais complexa que o do presencial, pois há o envolvimento de mais de um sujeito na promoção do processo de ensino e aprendizagem: o tutor. Ele é o elo entre professor-aluno e conteúdo-aluno. Portanto, na EAD, exige-se um reconhecimento virtual em tríade, no qual esse terceiro elemento torna-se a referência docente ao aluno.

Ao observar as interações dos sujeitos em formação em um ambiente virtual de um curso à distância, esse movimento de reconhecimento de si e do outro tem outras características. No virtual, não se tem acesso à presença física, expressões e gestos, pois, na maioria das vezes, a comunicação se efetiva pela linguagem escrita. Essa linguagem assume o papel principal da comunicação entre alunos e professores. Eles se relacionam entre si e não com uma tela de computador, produzindo sentidos nesse universo novo de significados.

Contudo, mesmo com uma boa formação e alguma experiência com docência, o trabalho na EAD pode apresentar algumas características específicas que somente com o tempo somos capazes de apreender. Ao planejar uma disciplina na EAD, é tudo muito novo, os tempos e os espaços se modificam e as decisões são compartilhadas, a administração do ambiente e as avaliações são feitas em conjunto entre professores e tutores.

Quando comecei a planejar as aulas sentia certo desconforto ao perceber que a gestão de uma sala de aula presencial tem movimentos específicos, com lugar e tempo demarcado e as ações eram pensadas sozinhas. Na EAD, a partilha do planejamento é um processo diferente, a ser aprendido. O ser professor vem se caracterizando ao longo da história como um papel desempenhado de forma solitária: a opção metodológica, o planejamento, os métodos e técnicas de ensino e os instrumentos de avaliação, bem como



possíveis ajustes, na maioria das vezes, são executados isoladamente. Já na EAD, como há um grupo de trabalho, as decisões precisam ser pensadas e elaboradas de forma compartilhada.

Ao pensar o reconhecimento docente no virtual a partir dos padrões de reconhecimento, acredito que é possível encontrar correspondência nas esferas apresentadas por Honneth. Primeiramente, a partir da dedicação emotiva, com reconhecimento de si que gera autoconfiança como base para o desenvolvimento das relações interpessoais, nesse sentido:

[...] o amor pode ser concebido como a expressão afetiva de uma dedicação, ainda que mantida à distância: enquanto este cria em todo o ser humano o fundamento psíquico para poder confiar nos próprios impulsos carenciais, aqueles fazem surgir nele a consciência de poder se respeitar a si próprio, porque ele merece o respeito de todos os outros” (HONNETH, 2009, p. 194-195).

As formas de relações primárias são percebidas nas relações de amizade e afeto conquistadas pela convivência virtual de estudantes e professores, materializada por mensagem e também percebida quando, ao final do semestre, o professor vai a um polo para as avaliações presenciais das disciplinas e encontra os alunos presencialmente. Eu acompanho esses encontros da EAD no âmbito da UAB há nove anos e vejo-os como uma experiência única de demonstração de afeto e gratidão.

O virtual não representa uma barreira e sim uma ponte que permite a efetivação das relações de autoconfiança. Encontrar, presencialmente, uma pessoa que até então existia somente on-line, não é conhecer novamente e sim estender os laços de afetividade. Honneth fala que “[...] a relação de reconhecimento está ligada à existência física dos Outros concretos, que retribuem seus sentimentos de estima social. A atitude em relação a si próprio que surge desde reconhecimento afetivo é o de confiança em si mesmo” (HONNETH, 2007a, p. 85-86). O virtual oportuniza a retribuição de sentimentos de estima social a partir da convivência com o Outro concreto ainda que distante geograficamente.

Na sequência, o segundo representa no respeito cognitivo uma barreira jurídica, a partir da constituição da UAB mantém-se como um projeto de governo, que ainda não foi institucionalizada para garantir a manutenção do seu funcionamento. Esse cenário, afeta todos os envolvidos. A universidade não tem ingerência sobre a oferta e manutenção dos cursos, os professores e tutores não têm indicativo de continuidade do seu trabalho, os alunos não têm a garantia de cursar novamente uma disciplina em que foi reprovado. No âmbito da gestão, os coordenadores de curso não têm representação nos conselhos superiores da instituição, os alunos nem sempre podem eleger seus representantes. Esses são apenas alguns sintomas que compõem a esfera jurídica no que concerne o trabalho da EAD.

A Terceira estima social, também, representa uma esfera de luta, o professor atua no virtual, espaço que garante uma comunicação significativa, mas que não apresenta muitas opções para uma conversa informal, como as que frequentemente acontecem nos corredores das universidades ou nas confraternizações de turma. Ainda assim, já presenciei professores que nunca foram a um polo, nunca tiveram um contato presencial com os alunos, serem os professores escolhidos como homenageados ao fim do curso. Ações como essa me fazem acreditar que a solidariedade, enquanto esfera que tem em sua autorrelação

a prática de autoestima está presente na luta pelo reconhecimento intersubjetivo do professor na EAD.

Dos três modos de reconhecimento, o que apresenta sintomas de uma patologia social é o respeito cognitivo. Ainda que dentro do amparo legal, o trabalho docente na EAD careça de legislação específica na qual comporte suas especificidades e carências. Acredito que o problema não seja a EAD em si, mas o modelo econômico que demanda o devido reconhecimento para a área educacional e do direito do trabalho.

Com essa breve reflexão, eu percebo que a Docência Virtual Compartilhada está condicionada ao reconhecimento de si e do outro também como docente. Reconhecer-se como professor num espaço sem classes, quadro e alunos a sua frente exige uma desconstrução de pré-conceitos. Assim, como os estudantes apresentam um movimento de aprendizagem do virtual, o professor também precisa apropriar-se desse novo cenário e perceber o mundo virtual como um horizonte de possibilidades para viabilizar estratégias didáticas.

#### 4. Considerações Finais

A experiência da Autoetnografia Virtual proporcionou a validação do procedimento de coleta de dados. O desenvolvimento do procedimento na pesquisa original durante o meu doutoramento foi realizado como parte da coleta de dados. Entende-se que o desenvolvimento de outros modelos de pesquisa em espaços virtuais ainda é muito recente e requer cuidado e detalhamento de todos os passos, inclusive as ações que não logram êxito.

Após o desenvolvimento do procedimento com a validação dos passos e escolhas realizadas pela banca de defesa da tese. Acredito que o passo seguinte seja esse, de publicar esses procedimentos em eventos acadêmicos. Nesse sentido, a partir das contribuições geradas pelo diálogo entre pares seja possível reorganizar as escolhas teóricas e práticas para qualificar os processos de pesquisa e dar seguimento da proposta em outras pesquisas.

#### 5. Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. Autoetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. In: **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 14-24, 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5037>. Acesso em: 10 nov. de 2017.

CARVALHO, Paula Fernandes. **Fazer parte de algo especial te faz especial**: um estudo etnográfico a partir da série de TV Glee. Monografia de Graduação. Curso de Comunicação Social. Universidade de Viçosa, 2014.

CHANG, Heewon. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

CUNHA, M. I. Verbetes. In: CUNHA, M. I.; ISAIA, S. **Professor da Educação Superior Universitária** – Glossário- vol. 2. Brasília/ INEP, 2006.

ESPINOSA, H. 2007. Intersticios de sociabilidad: una auto-etnografía del consumo de TIC. **Athenea Digital**. Disponível em: [atheneadigital.net/article/view/448/374](http://atheneadigital.net/article/view/448/374). Acesso em: 03 de mar. de 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel ; AMARAL, Adriana . **Métodos de pesquisa para Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GUTIERREZ, Suzana. **Professores Conectados: trabalho e educação nos espaços públicos em rede**. 2010. 277 f. Tese (Doutorado em Educação). 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28792>. Acesso em: 10 nov. de 2017.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. 2004. Disponível em: [www.uoc.edu/dt/esp/hine0604/hine0604.pdf](http://www.uoc.edu/dt/esp/hine0604/hine0604.pdf). Acesso em: 03 de nov. De 2017.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

HONNETH, Axel. Reconhecimento ou Redistribuição? A mudança de perspectiva na ordem moral da sociedade. In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia. (orgs) **Teoria Crítica no Século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. 2. ed. Editora 34: São Paulo, 2009a.

HONNETH, Axel. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologias**, v. 15, n. 33, 2013b. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/42432/0>. Acesso em: 10 nov. de 2017.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Penso Editora, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Os Pensadores. 2a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, 2004. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100003&script=sci_arttext)>.

Acesso em: 10 nov. de. 2017.

NOGUEIRA, Vanessa dos Santos. **Educação a Distância**: práticas pedagógicas e políticas públicas. Curitiba: CRV, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas-SP: Papyrus, p. 13-32, 2008.

PIZZI, Jovino. A solidariedade como um compromisso moral. In: Cecília Pires. (Org.). Vozes silenciadas. **Ensaio de ética e filosofia política**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

SCHOPENHAUER, ARTUR. **A arte de escrever**. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

WALL, S. 2006. An autoethnography on learning about auto-ethnography. In: **International Journal of Qualitative Methods**. Disponível em: [http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\\_2/pdf/wall.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/wall.pdf). Acesso em: 10 nov. de. 2017.